



paradoxos

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO | FACED (UFU)
VOL.1 | Nº1 | JANEIRO - JUNHO | 2016



BALAS NÃO MATAM IDEIAS

Adolpho Queiroz¹

Resumo: O presente artigo discute, a partir dos acontecimentos que culminaram com a morte de cartunistas do jornal "Charlie Hebdo", ocorrida em Paris em janeiro de 2015, a importância do humor gráfico como instrumento de conscientização social. Compara a trajetória do semanário à do desenvolvimento do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, criado em 1974 e realizado ininterruptamente há 42 anos, sendo uma das maiores mostras de humor gráfico no mundo. E discute, a partir dos trabalhos premiados no Salão, de que forma o humor gráfico mantém-se fiel aos seus princípios de independência e de luta contra a intolerância. Do ponto de vista metodológico, o artigo discute questões ligadas ao campo da propaganda ideológica, motivadora do ataque a Paris e da resistência que se exhibe em Piracicaba; ainda neste campo, procura mostrar de que forma a intolerância contra os costumes tem feito com que o humor, cada vez mais permaneça como um símbolo de resistência e busca, a partir das reproduções de alguns dos trabalhos premiados pelo Salão de Piracicaba, discutir os pontos de vista dos autores brasileiros e internacionais que alcançaram maior relevância com suas contribuições nos campos do cartum e da charge políticas.

Palavras-chave: Humor gráfico; Intolerância; Propaganda Política.

Resumem: Este artículo analiza, a partir de los acontecimientos que llevaron a la muerte de los dibujantes de prensa "Charlie Hebdo", que tuvo lugar en París en enero de 2015, la importancia del humor gráfico como herramienta de sensibilización del público. Compara el progreso del periódico semanal con el desarrollo del Salón Internacional del Humor de Piracicaba, creada en 1974 y que se mantiene de forma continua durante 42 años, una de las mayores muestras de humor gráfico en el mundo. Y analiza, a partir de las obras premiadas en el Salón, cómo el humor gráfico se mantiene fiel a sus principios de independencia y la lucha contra la intolerancia. Desde un punto de vista metodológico, el artículo aborda temas relacionados con el campo de la propaganda ideológica, motivando el ataque a París y la resistencia que se exhibe en Piracicaba; incluso en este campo, tiene como objetivo mostrar cómo se ha hecho la intolerancia contra las costumbres del estado de ánimo sigue siendo cada vez más un símbolo de la resistencia y la hace búsqueda a partir de reproducciones de algunas de las obras del Salón, discutir puntos de vista de autores brasileños e internacionales que han logrado más destacadas en sus contribuciones en el campo de la caricatura y el dibujo político.

Palabras Clave: Humor Gráfico; Intolerancia; Propaganda Política.

¹ Adolpho Queiroz é pós doutor em comunicação pela Universidade Federal Fluminense, um dos fundadores do Salão Internacional de Humor de Piracicaba e atual presidente do Conselho Consultivo. É professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil (adolpho.queiroz@mackenzie.br)

9.374,15 quilômetros separam Paris, na França de Piracicaba, cidade do interior de São Paulo, no Brasil. Fundada em 250 A.C. a capital da França é um dos centros culturais mais avançados do mundo. Fundada em 1º de agosto de 1767, encravada no centro do maior Estado do Brasil, Piracicaba está prestes a completar 250 anos de fundação e tem igualmente, guardadas as devidas proporções, uma vida cultural intensa.

O que as une, entretanto, é o respeito pela crítica e a vocação para fazer do humor gráfico um instrumento de transformação social. O humor gráfico sempre foi uma das grandes tradições da França. O humor gráfico encontrou em Piracicaba, a partir de 1974, as portas abertas para a realização de um dos maiores salões de humor do mundo. Em 2013, por ocasião das comemorações dos seus 40 anos de atividades, lançamos o livro "Balas não matam ideias", que dá título também a este artigo e, de certa forma, é um grito de resistência contra a intolerância.

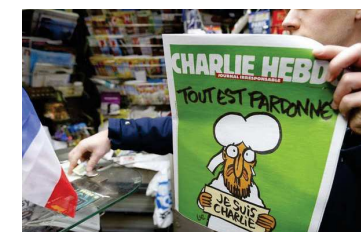
Escrito em parceria com a acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Leticia Hernandez Ciasi, o livro reuniu opiniões de pesquisadores brasileiros sobre jornalismo, publicidade, humor gráfico e cultura, a respeito de 70 dos quase 400 trabalhos premiados ao longo da trajetória do Salão.

Mas o mundo do humor gráfico mudou, quando no dia 7 de janeiro de 2015 houve um verdadeiro massacre do jornal satírico francês Charlie Hebdo, em Paris, resultando em 12 mortas e cinco feridas gravemente. O ataque foi perpetrado pelos irmãos Said e Chérif Kouachi, vestidos de preto e armados com fuzis Kalashnikov, na sede do semanário no 11º arrondissement de Paris, supostamente como forma de protesto contra a edição Charia Hebdo, que ocasionou polêmica no mundo islâmico e foi recebida como um insulto aos muçulmanos. Mataram 12 pessoas, incluindo uma parte da equipe do Charlie Hebdo e dois agentes da polícia nacional francesa, ferindo durante o tiroteio mais outras 11 pessoas que estavam próximo ao local.

Charlie Hebdo é um jornal semanal satírico francês, com caricaturas, piadas mas também artigos de fundo. Com um tom irreverente e estridente, a publicação é fortemente antirreligiosa e de esquerda, sendo que costuma publicar artigos sobre extrema-direita, catolicismo, islamismo, judaísmo, política e cultura. O jornal foi publicado pela primeira vez de 1969 a 1981. Ela foi recriada em 1992. A publicação, que tem um histórico de polêmicas, foi alvo de um processo judicial sem sucesso aberto por entidades islâmicas em 2006 por conta de charges do Jyllands-Posten sobre Maomé. A capa de uma edição de 2011, apelidada de Charia Hebdo, mostrava uma caricatura do profeta islâmico Maomé.

O choque após o atentado mobilizou a sociedade mundial. Cerca de quatro milhões de pessoas fizeram uma manifestação silenciosa nas ruas de Paris. Autoridades de todo o mundo solidarizaram-se com os franceses e, em especial, com a sua cultura.

Na capa de sua edição sde nº 1178, de 14 de janeiro de 2015, Maomé chorava sob a manchaete "Todos estão perdoados", ele inclusive segurando o slogan que marcou as grandes manifestações, "Je suis Charlie".



Será que ainda haverá muitos «sim, mas»?

O editor da edição histórica, Gérard Biard, escreveu o editorial abaixo, sobre a percepção do jornal sobre o atentado, que transcrevo abaixo.

Na semana que agora termina, o Charlie, jornal ateu, realizou mais milagres do que todos os santos e profetas reunidos. Aquele que nos faz sentir mais orgulhosos é o facto de o leitor ter entre as mãos o jornal que sempre fizemos, na companhia daqueles que sempre o fizeram. O que mais nos fez rir foram os sinos da Notre-Dame terem tocado em nossa homenagem... Na semana que agora termina, o Charlie ergueu por esse mundo fora muito mais do que montanhas. Na semana que agora termina, como o desenhou magnificamente Willem, o Charlie fez muitos amigos novos. Anónimos e celebridades planetárias, humildes e abastados, incríveis e dignitários religiosos, sinceros e jesuítas, aqueles que ficarão conosco para toda a vida e aqueles que estão só de passagem.

Hoje, nós aceitamos todos, não temos tempo nem coragem para escolher. Mas não somos ingénuos. Agradecemos do fundo do coração àqueles milhões, simples cidadãos ou representantes de instituições, que estão verdadeiramente ao nosso lado, que, sincera e profundamente, «são Charlie» e que se reconhecerão. E estamos-nos nas tintas para os outros, que de qualquer modo não se importam...

Há uma questão que, ainda assim, nos atormenta: será que vai finalmente desaparecer do vocabulário político e intelectual o detestável qualificativo «laicistóide integrista»? Será que se vai deixar enfim de inventar sábias circunvoluções semânticas para classificar de forma equivalente os assassinos e as suas vítimas?

Nestes últimos anos, temo-nos sentido um pouco sós na tentativa de rejeitar à força do lápis as sabujices explícitas e as bizantinices pseudo-intelectuais que arremessavam à nossa cara e à dos nossos amigos que defendiam convictamente a laicidade: islamófobos, cristianófobos, provocadores, irresponsáveis, lançadores de achas para a fogueira, racistas, estavam-a-pedi-las... Sim, nós condenamos o terrorismo, mas, sim, ameaçar de morte os desenhadores não está certo, mas, sim, incendiar um jornal está errado, mas, nós ouvimos de tudo, e os nossos amigos também. Tentámos muitas vezes rir do assunto, porque é o que sabemos fazer melhor. Mas gostaríamos muito, agora, de rir de outra coisa. Porque isto está a recomçar. Numa altura em que o sangue de Cabu, Charb, Honoré, Tignous, Wolinski, Elsa Cayat, Bernard Maris, Mustapha Ourrad, Michel Renaud, Franck Brinsolaro, Frédéric Boisseau, Ahmed Merabet, Clarissa Jean-Philippe, Philippe Braham, Yohan Cohen, Yoav Hattab e François-Michel Saada não tinha ainda secado e Thierry Meyssan explicava aos seus fãs no Face book que se tratava, evidentemente, de uma conspiração judaico-americano-occidental. Já se viam, aqui e ali, nalgumas bocas mais delicadas, caretas de cepticismo a propósito da manifestação do domingo passado, assim como, em surdina, os eternos argumentos que visam justificar, aberta ou implicitamente, o terrorismo e o fascismo religioso, e ainda a indignação por, entre outras coisas, termos homenageado agentes da polícia = SS. Não, neste massacre não há mortes mais injustas do que outras. Franck, morto nas instalações do Charlie, e todos os seus colegas abatidos durante esta semana de barbárie, morreram em defesa de ideias que talvez nem sequer fossem as suas. Vamos mesmo assim tentar ser optimistas, embora os tempos não estejam para isso. Vamos esperar que, a partir deste 7 de Janeiro de 2015, a defesa convicta da laicidade passe a ser um dado adquirido para todos e que se deixe de, por postura, por cálculo eleitoralista ou por cobardia, legitimar ou mesmo tolerar o comunitarismo e o relativismo

cultural, que abrem a porta a uma e uma só coisa: o totalitarismo religioso. Sim, o conflito israelo-palestiniano é uma realidade, sim, a geopolítica internacional é uma sucessão de manobras e golpes baixos, sim, a situação social das, como se costuma dizer, «populações de origem muçulmana» em França é profundamente injusta, sim, o racismo e as discriminações devem ser combatidas sem descanso. Existem felizmente diversas ferramentas para tentar resolver estes problemas graves, mas elas são todas ineficazes se faltar uma delas: a laicidade. Não a laicidade positiva, não a laicidade inclusiva, não a laicidade-sei-lá-o-quê, a laicidade ponto final. Só ela permite, uma vez que preconiza o universalismo dos direitos, o exercício da igualdade, da liberdade, da fraternidade, da sonoridade. Só ela permite a plena liberdade de consciência, liberdade essa que é negada, de forma mais ou menos aberta em função do seu posicionamento de «marketing», por todas as religiões a partir do momento em que abandonam o terreno da intimidade estrita para descer ao terreno da política. Só ela permite aos crentes e aos demais, ironicamente, viver em paz. Todos aqueles que afirmam defender os muçulmanos ao aceitar o discurso totalitário religioso estão na realidade a defender os seus carrascos. As primeiras vítimas do fascismo islâmico são os muçulmanos.

Os milhões de anónimos, todas as instituições, todos os chefes de Estado e de governo, todas as personalidades políticas, intelectuais e mediáticas, todos os dignitários religiosos que, nesta semana, proclamaram «Eu sou Charlie» devem saber que isso quer também dizer «Eu sou a laicidade». Estamos convencidos de que, para a maioria daqueles que nos apoiam, isso é óbvio. Deixamos os outros desenharem-se.

Uma última coisa, mas importante. Queríamos enviar uma mensagem ao papa Francisco que, também ele, «é Charlie» esta semana: só aceitamos que os sinos da Notre-Dame toquem em nossa homenagem se forem as Femen a fazê-los soar. (Charlie Hebdo nº1178, 14 de Janeiro de 2015; tradução de Alexandre Andrade)

Ecos desta luta no Brasil

A cidade de Piracicaba, mantém um rico e amplo painel de atividades culturais que a identificam como uma das cidades mais pujantes neste setor no Estado de São Paulo e no país. Além do "r" arrastado, herança dos colonizadores da região, a cidade conta com festas populares como a Festa do Divino (realizada no leito do Rio Piracicaba há mais de 150 anos), Bienal Naif (mantida pelo SESC há décadas), três salões de arte (belas artes, contemporânea e humor), uma escola de música dirigida pelo maestro Ernst Mahle, formadora de gerações de músicos que atuam em orquestras do país e exterior, várias universidades que lhe dão visibilidade no campo científico e tecnológico; um Instituto Histórico e Geográfico que pesquisa e difunde temas ligados às raízes da cultura local, entre outras.

Pouco depois do carnaval de 1974, um grupo de jornalistas da cidade, liderado pelo professor Alceu Marozzi Righeto e composto por jovens jornalistas como Carlos Colonese e por mim, como leitores assíduos do jornal "O Pasquim", fomos fazer uma entrevista no sábado de carnaval como jornalistas e convidados que participaram como jurados dos festejos de carnaval na cidade naquele ano. O contato com o jornalista José Maria do Prado, então do jornal "Última Hora" de São Paulo foi extremamente frutífero e foi naquela tarde que ouvimos a intenção do Alceu naquela conversa. Ele pediu ao jornalista da UH se poderia nos colocar em contato com o pessoal do Pasquim no Rio de Janeiro, pois tínhamos a intenção de organizar um Salão de Humor naquele ano na cidade de Piracicaba.

Enquanto isso, Alceu, Carlos e eu viajamos a São Paulo e num almoço organizado pelo

jornalista José Maria do Prado, conhecemos o Zélio Alves Pinto, cujo irmão, Ziraldo pilotava o projeto político e administrativo d'O Pasquim. Depois do almoço, o Zélio nos convidou para irmos à casa dele e enquanto conversávamos sobre a ideia do Salão, ele fixou a ponta de um compasso sobre o nome da cidade "Piracicaba" num mapa e foi formando círculos concêntricos, mostrando de que forma o nosso salão cresceria. Naquele dia, chegou com o compasso até o Rio Amazonas, não conseguiu pular o mar. Dois ou três anos depois, pelas próprias mãos do Zélio, o salão viria a se tornar internacional, com a vinda de editores franceses ao nosso evento. Claude Moliterni foi o primeiro visitante ilustre da Europa a prestigiar o salão e sua editora, a Dargot era na época uma das editoras de ponta no mundo do humor gráfico e dos quadrinhos.

Mas, depois desse dia, Zélio nos apresentou ao irmão ilustre, o Ziraldo que prontamente concordou com duas ideias: a de nos receber lá n'O Pasquim no Rio de Janeiro e de nos enviar, para o I Salão, uma mostra de cartuns proibidos pela "censura" da época.

O I Salão de Humor de Piracicaba, em agosto de 1974 abriu suas portas de forma festiva e respeitosa. Ele representou um gesto de respeito de uma cidade culturalmente e politicamente ativa na época, às artes e ao humor gráfico, às figuras que lhe davam sentido na época – os pasquineiros Ziraldo, Jaguar, Fortuna e Millor Fernandes – e, mais especialmente, às novas gerações de artistas que com suas "penas e brilhos", ajudaram a inquietar a ditadura militar na época, contando novas histórias, lançando dúvidas, contestando a forma de governo e, especialmente, transformando a ironia fina em arma retórica de convencimento.

Foi assim então, que tivemos o nosso primeiro premiado: o jovem e irreverente Laerte Coutinho, oriundo da revista "Balão" editada pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

O rei estava vestido, 1974



O cartum vencedor do I Salão de Humor de Piracicaba foi assinado pelo artista Laerte Coutinho, que vinha das primeiras aventuras pelo campo através da revista "Balão", publicada pelos estudantes do curso de Comunicação, da ECA/USP. Vivíamos um período difícil na vida

política do Brasil, pois estávamos naquela ocasião no décimo ano de vigência da revolução militar que em 31 de março de 1964 deu um golpe de Estado, retirando o presidente eleito, fechando o congresso nacional, impondo a censura à imprensa e iniciando um período de exceção na vida pública.

O Salão de Humor de Piracicaba surgiu também para ser um instrumento de contestação política ao regime militar da época. A justificativa para a escolha deste prêmio pelos jurados era de que a obra tinha sido inspirada numa fábula escrita por Hans Christian Andersen. A original contava a história de um rei vaidoso que gostava de se vestir bem e criativamente e que, em determinada ocasião foi procurado por um costureiro aventureiro e criativo que lhe propôs construir a roupa mais original que há havia vestido. O costureiro pediu-lhe que se despisse e "inventou" que lhe colocava um pano aqui, outro ali. Um sapato assim outro assado, um colar exótico, enfim, foi ampliando a imaginação do rei. Enfim, criou a indumentária apenas na imaginação real. Que a tudo assistia embevecido.

Com a roupa "pronta" o rei ordenou que se abrissem as portas do palácio para que ele pudesse mostrá-la aos nobres e aos plebeus do seu reino e começou a caminhar em torno do palácio e, entre sussurros, quase todos o aplaudiram pela "nova" e "criativa" indumentária do rei. Até que um menino exclamou à sua mãe em voz alta: "O rei está nu!" Irrado o rei ordenou que o prendessem, que ingênuo, foi o único a declarar a verdade e na ocasião. A roupa do rei não existia e ele estava caminhando completamente nu. Numa alegoria ao regime militar da época, os torturadores que aparecem no trabalho premiado representam os integrantes do regime militar, cujas práticas de prisão e tortura aos que discordassem do regime de época eram recorrentes e constantes.

Na fábula de Andersen, o menino se retrata na prisão e berra, para acompanhar aos demais que assistiram ao desfile: "O rei estava vestido!" Ao admitir também que o rei que estava "nu" na roupa criativa do seu costureiro e a unanimidade exigida pelo rei. Tal qual nas ditaduras – incluindo a militar no Brasil – discordar ou emitir opinião contrária aos governantes, não é permitido. A fábula de Andersen e a sua nova contextualização diante da revolução de 64 foi o jeito de dizer, a partir do Salão de humor de Piracicaba que também a sociedade civil na época era contrária aos métodos utilizados pelo governo ditatorial daqueles dias.

A unanimidade que as ditaduras gostam de representar começou a ser quebrada também a partir do Salão de humor de Piracicaba, pois ao admitir de forma violenta que o "rei estava vestido!", o artista e a sociedade queriam reafirmar o contrário, "o rei está nu!", ou em outras palavras, não apoiamos as ações do governo militar. O eco daquele prêmio foi importante para as forças de oposição que começavam a se organizar para restabelecer a ordem democrática no país. O "não" de Laerte Coutinho foi uma das importantes contribuições das artes e do humor gráfico contra a ditadura militar no Brasil.

Censura à imprensa, 1977

Das contribuições negativas que a ditadura militar trouxe ao país entre 1964/1985 uma das piores foi a censura à imprensa. A partir de 1964, as redações dos grandes jornais e revistas impressos ganharam um ou vários funcionários a mais. Eram os censores nomeados pelo Serviço Nacional de Informação, SNI, para censurarem especialmente os impressos, pois eles tinham maior penetração na intelectualidade que se constituía num dos segmentos de resistência mais forte à ditadura militar implantada no país.

Embora existisse também nas emissoras de rádio e televisão, eram mais fáceis de

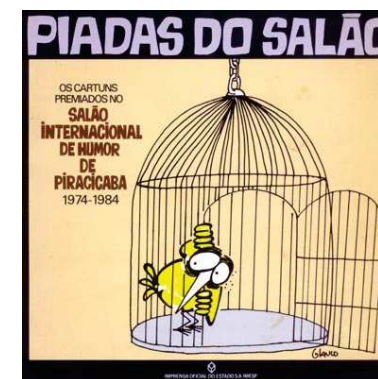
controlar porque, como concessões públicas, tinham controles administrativos e financeiros sobre as suas atividades já estabelecidos legalmente o que não ocorria com a imprensa escrita, cujas empresas eram mais independentes do governo. Os jornais da época, em especial "O Estado de S.Paulo" recorreram a expedientes mais criativos para driblar e denunciar a própria censura publicando poemas "Os Lusíadas", de Luís de Camões ou receitas de salgados e doces em suas páginas. As fotografias censuradas eram substituídas por flores, aves, animais.



Esta prática também se estendeu para o que se denominou "imprensa nanica" da época, através dos jornais Opinião, Movimento, O Pasquim, entre outros que surgiram para denunciar as arbitrariedades do regime de exceção daqueles dias. No período em que conquistou este prêmio no Salão de humor de Piracicaba, com três tiras curtas, Glauco Vilas Boas começa a mostrar de que forma reagiam os censores, quando a ditadura militar já perdia força e a luta pela redemocratização do país avançava. Irado contra a "manchete" que pedia "mais liberdade de imprensa" o censor – caricaturado por Glauco como um sujeito violento e mal educado, chuta de forma espetacular o pobre vendedor de jornais, que sarcástico após o tombo declara "outro censor desempregado!".

Vinham com os traços de Glauco as impressões de que o regime militar estava nos seus últimos dias e que, finalmente, depois de 25anos de opressão e aprofundamento de desigualdades sociais, a conquista da democracia estava mais próxima.

Qual liberdade? 1979



O cartaz do VI Salão Internacional de Humor de Piracicaba, desenhado por Glauco Vilas Boas, mostra um passarinho tremendo de medo de sair da sua gaiola. Mesmo com a porta aberta, ele se mostra assustado, olhos esbugalhados, as asas transformadas em dedos ainda presos na armação de arame da gaiola, pálpebras enrijecidas e o espanto com a liberdade conquistada. Eram os dias finais da ditadura militar no Brasil e a gaiola aberta poderia simbolizar tanto a abertura política, a ampla liberdade de expressão, a reconquista da democracia.

Mas o interessante é que o nosso pássaro medroso engaiolado durante uma vida toda (uma analogia há 25 anos em que toda uma geração se viu privada de exercer os direitos mais comezinhos de expressão, especialmente no campo político), talvez quisesse nos dizer: "para onde ir agora?" É que depois de tanto tempo "sem poder voar", sem poder se expressar, votar livremente e expressar seus pensamentos sem medo de ir preso ou ser torturado, como era comum naqueles dias, o nosso pássaro símbolo mostrava-se reticente para a nova empreitada que a vida e a liberdade se lhe apresentavam naquele momento.

Não, ele não estava fugindo. Ele estava finalmente livre. Livre para escrever o que bem entendesse, para conversar em voz alta nos bares, nas universidades, nas tribunas parlamentares, no judiciário, livre para amar sem ter que ver mulher e filhos vigiados pelo Regime Militar que durante mais de duas décadas impediu a sociedade de pensar e agir. Muitos resistiram. Muitos pagaram com a própria vida pelo direito de todos de agirem em liberdade. Mas naquele ano, a preocupação do nosso pássaro era com as novidades que haveria de encontrar lá fora na vida: a possibilidade de escrever artigos e debater ideias nos jornais alternativos e nos jornalões que circulavam; a possibilidade de fazer caricaturas, charges, cartuns e histórias em quadrinhos que não mais seriam censurados por militares – via de regra !! – despreparados para esta função; a possibilidade de ler poemas em voz alta; de debater ideias para a construção de um país mais justo.

O pássaro medroso de Glauco é uma das imagens mais fortes e marcantes do Salão Internacional de humor de Piracicaba. Soube-se depois, muito depois, que o pequeno pássaro alçou as árvores, primeiro com as asas meio enferrujadas, mas depois, com um vigor que o transformou num símbolo e com o trinado especial de um canto que sufocou a tristeza e anunciou que "amanhã, vai ser outro dia", como sentenciou drasticamente o poeta Chico Buarque de Holanda naqueles dias cantando, do seu jeito a liberdade:

*Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia,
Inda pago pra ver
O jardim florescer,
Qual você não queria*

O pássaro tomou gosto pela liberdade. O Brasil também. E a florescente democracia brasileira, com seus avanços e tropeços, com certeza é muito melhor do que aqueles dias amargos, trancados nas gaiolas da insensatez.

Ações de contrapropaganda política

As propostas dos artistas gráficos que participaram das várias edições do salão, no seu período pioneiro, eram basicamente de ataques à ditadura militar, quer nos exageros das representações dos generais fardados, na intolerância com o voto popular, no discurso único, entre outras características. No caso brasileiro, os ataques dos cartunistas centravam-se nos censores da imprensa, transformando-os em caricatos. Outras figuras caricaturadas no período eram os generais e seus asseclas, bem como os políticos subservientes ao regime.

Nas charges, os traços exagerados dos protagonistas do governo ou os desafios semiológicos de fábulas -- como a do cartum vencedor do I salão, de Laerte Coutinho - era possível entender os recados que as novas gerações de artistas gráficos, amparada pela história de vida, trabalho e lutas sarcásticas dos humorados e politizados Ziraldo, Jaguar, Millor, Fortuna, próceres d'O Pasquim. A ridicularização dos personagens da República foi uma das frentes de batalha adotada pelos artistas que participaram do processo de desconstrução da "imagem pública" dos generais presidentes, seus ministros, assessores e políticos proeminentes da época.

Outro participante estratégico e importante do salão de Piracicaba foi o cartunista Henfil. "Com seus admiráveis "fradins" exerceu uma das leis mais interessantes da contrapropaganda, assim descrita por Domenach: "colocar a propaganda do adversário em contradição com os fatos. -- Não existe réplica mais desconcertante que a suscitada pelos fatos. Se for possível conseguir uma fotografia ou um testemunho, que, embora sobre um único ponto venha contradizer a argumentação adversa, essa em conjunto, acaba por desacreditar-se",

Já o salão de Piracicaba foi pródigo em denúncias contra vários tipos de violência. A maior de todos, sem dúvida, o fato de os militares terem tirado da sociedade o direito básico do voto direto, um exercício democrático necessário e reivindicado pelos autores do salão de Piracicaba àquela altura. Além disso, outra crítica recorrente era contra a censura à imprensa. Sem imprensa livre, nenhum país avança, discute, debate opiniões e o seu próprio futuro.

O Salão dispôs-se também a cumprir outra função estratégica, que compõe o eixo teórico da contrapropaganda, que segundo Domenach é o de "ridicularizar o adversário, quer ao imitar seu estilo e sua argumentação, quer atribuindo-lhe zombarias pequenas histórias cômicas, esses "Witz", que desempenharam tão grande papel na contrapropaganda oral difundida pelos alemães antinazistas. O escárnio constitui espontânea reação a uma propaganda que se faz totalitária mediante a supressão da dos adversários. Sem dúvida nenhuma, é a arma dos fracos, mas a rapidez com que se disseminam as pilhérias que jogam no ridículo os poderosos, a espécie de condescendência que elas encontram por vezes entre os próprios adeptos

fazem, do escárnio, um agente corrosivo cujos efeitos não são de desprezar. Em todos os tempos os cançonetistas têm tomado o partido da oposição."

As críticas expressas pelos artistas da época também defendiam novos olhares para a televisão, o jornalismo, o rádio, as revistas e mesmo o teatro, cuja contribuição à política de conscientização da sociedade foi decisiva no período.

Os pincéis do humor contra a intolerância

A intolerância foi o tema do ano de 2012, de uma das mais tradicionais mostras de humor gráfico do mundo, o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, que chegou à sua 39ª edição. A intolerância está na gênese da nação brasileira. Ao desembarcarem por aqui, os nossos colonizadores portugueses fincaram o primeiro marco contra ela, impondo às várias tribos de índios que viviam na Terra de Santa Cruz, hoje Brasil, uma religião unificadora. Os jesuítas trocaram "Tupã" por "Deus" e foram educando os indígenas para a nova realidade que se começava a construir a partir daquele 22 de abril de 1500.

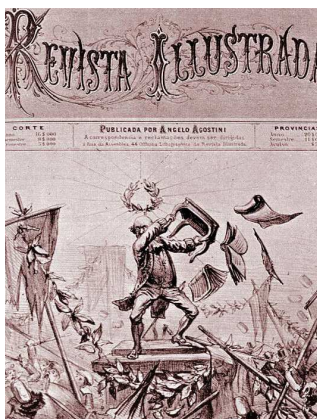
A dimensão econômica do crescimento do país fez com que o conceito se alargasse, quando a importação de escravos da África para o trabalho diário, cansativo e mal remunerado nas fazendas de açúcar, cachaça e álcool que o senhorio brasileiro erigia e transformava em "casas grandes" contra as "senzalas" que construíam para a acolhida aos escravos, assim vista por Gilberto Freyre, fincando novas e marcantes diferenças de classes em favor da intolerância.

A terceira e decisiva contribuição dos portugueses em favor da intolerância -- neste caso a liberdade de imprensa -- excluiu o nosso país da diversidade e do debate político por exatos 308 anos. Só três séculos após o descobrimento do país, permitiu-se a criação de um primeiro jornal "A Gazeta" do Rio de Janeiro e com ela, a abertura de empresas que podiam praticar a atividade comercial e industrial da gráfica impressora e editora.

Embora na sua base o conceito de intolerância esteja ligado a conflitos religiosos, no século XXI ele estendeu o caráter de sua origem para os planos da política, que terminaria por impor a sua autonomia em relação ao poder religioso. Então, a intolerância tomou a forma de lutas ideológicas. Maquiavel já anunciara este caminho quando, ainda no renascimento, advogou que os fins justificam os meios, em outras palavras, que a razão do Estado deve se impor a despeito dos meios utilizados. De forma contemporânea o conceito também é utilizado para marcar diferenças no plano de classes sociais, econômicas, religiosas, afetivas, de gênero, a imigração, a preconceitos e discriminações de diversas ordens e naturezas.

A primeira notícia que se tem no Brasil de uma publicação mais regular no campo do humor gráfico vem de 1937, quando Manoel de Araújo Porto Alegre cria no Rio de Janeiro a Revista Ilustrada, que teve apenas onze edições, mas que abriu o campo para publicações mais perenes que se seguiram. Como a "Semana Ilustrada" do alemão Heinrich Fleiuss, que surgiu como modelo geral para as publicações humorísticas brasileiras no século XIX. A revista teve sua primeira edição em dezembro de 1860 e a última em 1876. Mesmo poupando a família real dos seus ataques, o editor recebia dinheiro de D. Pedro II, embora inaugurasse nas suas páginas uma luta anti escravagista.

Depois dele foi Ângelo Agostini, em "O Diabo Coxo", 1864/65 e em "O Cabrião", que circulou dali até 1867, o principal humorista gráfico a denunciar as arbitrariedades e intolerâncias de um país até então imperial, com aspirações de republicano.



Fonte: Revista Ilustrada, ilustração de Ângelo Agostini

A saga continuou pelo pincel de J.Carlos, que através das revistas "O Malho" e "Caretá", foi o grande difusor das utopias republicanas no Século XX. E retratou também outro período intenso de intolerância com as duas grandes guerras mundiais que ocorreram no período, uma das maiores ousadias da humanidade contra a intolerância religiosa, que deu base àqueles movimentos. Além dos títulos mencionados acima, J. Carlos ocupou as páginas de praticamente todas as revistas publicadas no Rio de Janeiro em sua época: Século XX Leitura Para Todos, Eu Sei Tudo, Revista da Semana, Ilustração Brasileira, O Tico-Tico, Fon-Fon, A Avenida, O Filhote da Careta, Juquinha, D. Quixote, A Cigarra, A Vida Moderna, Revista Nacional, O Cruzeiro, Cinearte, A Noite, Lanterna, A Nação, A Hora, Beira-Mar, entre outras, fazendo do seu traço uma denúncia constante contra a corrupção, o nepotismo e outros filhotes da intolerância na época, e favorável à plena participação da sociedade nos pleitos eleitorais, uma das premissas do republicanismo.

A intolerância do século XXI é mais grave. Incluem maus tratos, trabalho escravo infantil, homofobia, retratos esmaecidos de um país que quer ser grande perante o mundo. A contribuição que o Salão de Humor deu a este debate, esperamos, consiga contribuir para excluí-la dos nossos dicionários e repertório.

Intolerância, o humor contra a política

Foi a política quem instaurou o primeiro degrau da intolerância nos anos 40, quando Getúlio Vargas tomou o poder e deu um golpe de Estado que o deixaria por mais de uma década no poder. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP que censurava os jornais e a implantação do decreto nº 1949, que dava ao governo brasileiro a prerrogativa de ele mesmo "comercializar" o papel de jornal que era distribuído às empresas editoras de jornais, foi certamente um dos mais intolerantes gestos contra a liberdade de expressão.

Mesmo ditador, Vargas soube usar do humor gráfico da época – em que prevaleciam os traços de Nássara, por exemplo – para figurar na galeria dos "homens de bem" da Nação. Junto com o humor gráfico, aproveitou-se dos shows ao vivo e do rádio teatro dedicado ao humor, trampolins para a sua carreira.



Fonte: Caricatura do artista Nássara, um dos maiores críticos de Getúlio Vargas

Entre os anos 60 e 70, outra prova da presença do humor gráfico contra o regime ditatorial que se impôs ao país em 31 de março de 1964. O surgimento do jornal "O Pasquim" e com ele uma plêiade de humoristas gráficos, jornalistas, poetas e articulistas, transformaram a "pena" em arma contra o "canhão". Responsável direto pelo surgimento do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1974, o semanário carioca deu às intolerâncias provocadas pela ditadura a senha necessária para o fortalecimento das ações da sociedade civil contra os militares. Das suas páginas saíram as convocações para a liberdade de imprensa, a anistia aos presos políticos, as liberdades religiosas, ao novo papel a ser desempenhado pela mulher – através de sua musa Leila Diniz – e, enfim, pelo reordenamento democrático do país, que perdeu uma geração de grandes jornalistas e políticos simplesmente "assassinados nos porões da ditadura".

O preço pago pelo "Pasquim" também foi caro. Sua redação foi fechada, seus diretores e autores presos, o jornal censurado, num grau de intolerância jamais visto no país contra a liberdade de expressão.

Impaciente, a sociedade brasileira foi tecendo aqui e ali a sua resistência sobre o movimento ditatorial dos militares, culminando em 1984 com grandes comícios em praças públicas, que reuniram milhões de brasileiros dizendo a viva voz: "Eu quero votar para presidente!". As eleições lembradas como as da volta da democracia no país, intituladas "Diretas-já", que elegeram Tancredo Neves e José Sarney para governar o país em 1984, abriram as portas contra a intolerância política e as janelas para a liberdade plena de expressão.

Ao humor gráfico impõe-se a partir de agora, superadas as fases do jornalismo impresso, com a chegada da comunicação virtual e interativa, uma presença ainda mais forte e educativa no sentido de fazer valer a construção de um planeta com mais igualdade entre as pessoas e a superação dos grandes desníveis de cultura, conhecimento e riqueza.

Uma fina ironia sobre a intolerância

Piracicaba pediu, os artistas do mundo todo acataram. E a intolerância, uma das mostras temáticas do 39º Salão Internacional de Humor, saltou das barrancas do Rio Piracicaba em convocatória global, voou pelo espaço virtual e conseguiu, num passe de mágica e criatividade, divulgar os valores sobre uma das maiores contradições humanas.

Pelo censo realizado no Brasil no ano 2000, 14,5% da população ou cerca de 24,5 milhões possui algum tipo de necessidade especial, como cegos, surdos, mudos, tetraplégicos, paraplégicos, doentes mentais, entre outros que precisam de cuidados especiais e, particularmen-

te de uma maior compreensão da sociedade sobre seus direitos e particularidades.

A homofobia ganhou espaços novos para discussão junto à sociedade, movimentando desde partidos políticos a autores de novelas que incluem o tema de forma menos caricata.

Embora as diferenças de classe tenham diminuído na última década e políticas públicas de inclusão tenham cumprido um papel diferenciador no processo, nos campos que vão da educação à segurança da mulher – a Lei Maria da Penha contra agressões no lar virou um novo marco no campo judicial e ético – ainda temos hoje novos desafios a superar: o bullying e as agressões nas escolas, o assédio moral no trabalho, as dificuldades para a implantação do ecumenismo no meio religioso, os fanatismos de diversas origens, as guerras entre torcidas de futebol, as matanças indiscriminadas e as guerras intermináveis, especialmente envolvendo o Oriente Médio.

A esse cenário, acrescentem-se as dificuldades econômicas que permeiam a Europa e os Estados Unidos com reflexos explícitos no Brasil e no mundo e temos um cenário em que as contradições evoluem. E se os cidadãos europeus e norte-americanos se enriqueceram e, sem dinheiro, estão trancados em casa vendo televisão, isso é um mau prenúncio. Que se estendido ao caso brasileiro, pode, noutra ponta estimular ainda mais a violência e a intolerância.

A chegada alentada da internet, com seus sites, blogs e redes sociais, mais do que um avanço, pode igualmente representar a difusão de mensagens a favor da intolerância, que precisam ser combatidas para a construção de uma nova geração de cidadãos éticos e dignos.

Depois de discutir temas polêmicos como a alimentação, os costumes, chegou a vez do nosso Salão Internacional de Humor dar aos artistas a chance de se manifestarem contra a intolerância. O que eles “disseram” em seus cartuns, charges, caricaturas e quadrinhos, ajudará -- através da sagacidade do humor -- a colocar Piracicaba na vanguarda internacional do cenário artístico, sempre provocadora, sempre inovadora, sempre compromissada com as necessárias transformações do comportamento humano. Um dia dissemos não à ditadura política. E ela se foi. Que o novo apelo pela liberdade ecoe mundo afora, são os nossos sinceros desejos.

O que disse o trabalho vencedor em 2012



Fonte: Site do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, Prêmio Intolerância 2012

Em 2012, na categoria especial "Intolerância", o trabalho vencedor foi do gaúcho Rodrigo Machado Rosa (Porto Alegre), que justamente retratou a questão da intolerância a partir do viés religioso. Um homem carregando um grande sinal de interrogação tenta subir ao morro (Monte das Oliveiras?) onde Jesus foi crucificado. Também entre três interrogações aparecem o Cristo e os dois ladrões celebrados pela Bíblia, pela igreja católica, mortos de forma injusta aos olhos dos católicos e da humanidade, parecem sustentar as mesmas interrogações que o homem carrega ao pé do monte.

Atrás dele, uma multidão enfurecida carregando pontos de exclamação – que também podem ser vistos como cassetetes da polícia, portando igualmente um exemplar da Bíblia, intimidam o homem que porta o sinal da interrogação. Como se lhe dissessem, "é proibido perguntar", "é proibido questionar", as coisas são como são. Basta aceitá-las!

A interrogação que deveria ser natural e plena aos seres humanos na sua prerrogativa de simplesmente poder perguntar "por quê?" Porque a morte, a discriminação, a inveja, a desigualdade social, as injustiças que se cometem em nome da política, as diferenças de cor/credo/raça, as diferenças nos salários, no poder de compra, as diferenças entre o ouvir/o sentir/o andar/o ver/o falar, as diferenças para o verbo "amar", entre tantas outras.

Autores de todo mundo sempre mandaram para o Salão Internacional de Humor de Piracicaba o melhor das suas percepções sobre os acontecimentos contemporâneos. Foram os primeiros a desafiar a ditadura militar brasileira, em plenos anos 74, quando a fábula de Hans Christian Andersen, assinada por Laerte Coutinho dizia "o rei está nu", mostrando que apesar de todo o aparato militar do momento, a sociedade civil prestes a se reorganizar politicamente, preferia a liberdade à opressão dos militares. A volta da democracia era um desejo do Brasil e Piracicaba lá estava com sua irreverência para apoiar.

As denúncias mudaram de tom e padrão dali por diante, sempre perseguindo dias melhores para o nosso país. Os ecos das ideias que por lá se difundiam, ganhavam as páginas dos jornais e dos principais meios de comunicação, para inserir Piracicaba como uma cidade com um nível de consciência aprimorado e contestador.

Isso ajudou a formar a marca do Salão ao longo dos anos. De outro lado, o marketing do boca a boca – ou quem sabe do letra a letra! – ajudou a dizer ao redor do mundo da existência de um lugarejo polêmico, chamado Piracicaba, onde ideias e ideais no plano da multiculturalidade e da diversidade são aceitos e convivem em uma harmonia competitiva.

Quando todos apelidavam as ideias dos partidos "verdes" com o rotulo excêntrico dos "eco chatos", os Salões de época também denunciaram a mudança do clima, a devastação da Amazônia, geleiras que derretiam e pinguins gelados que encontravam camelos tórridos em meio às neves na imaginação criativa do artista; ou do premiado trabalho de um dos maiores artistas da época, o cubano radicado no México, Angel Boligan, que mostrava um homem se lambuzando num barril de petróleo que sufocava as árvores do planeta. Depois da derrubada ditadura, talvez a questão do meio ambiente tenha sido a mais premiada, debatida e denunciada pelos últimos Salões.

Também os desníveis sociais, a batalha interminável da crítica marxista entre o capital e o trabalho, povoaram mentes e penas de criadores daqui e acolá, para que a exploração contra os trabalhadores fosse premiada e aplaudida desde sempre. Há um cartum memorável de um artista russo, onde o empregado coloca um casaco no patrão e este, sorrateiramente, mete-lhe a mão no bolso da calça, retirando-lhe o dinheiro furtivamente. Dar com uma mão – pagar salários! – e tirar com a outra – cobrando impostos, por exemplo, é um tema recorrente na vasta história da literatura crítica do nosso Salão.

Mas nem só de sutilizas vivemos. Rimos à toa das boas piadas, aquelas de comunicação rápida e assertiva. Vibramos com as caricaturas atarracadas de anti-heróis e neoditores como Hugo Chávez. Assim como nos deslumbramos com apenas dois traços no papel que nos remetiam a Hitler, numa ousadia criativa inimaginável, até chegar, é claro àquele que é considerado o maior Salão de Humor gráfico do mundo.

Considerações finais

Paris e Piracicaba, portanto, tem cumprido a tarefa histórica perante a sociedade mundial de respeitar o humor gráfico como forma de manifestação legítima. Historicamente, cada uma a seu tempo, tem feito do humor, uma arte insubstituível. Revelado novos talentos, abrindo-se a críticas contundentes sobre ditaduras e ditadores que procuram se impor pela força, contrariando a liberdade de expressão de milhões de pessoas e milhares de artistas.

A divulgação dos cartuns, charges, caricaturas e histórias em quadrinhos que passaram a ser difundidos pela imprensa na época, depois transformadas em catálogos, vídeos e, mais recentemente, voando pelo mundo através da internet, deram ao semanário Charlie Hebdo na França e ao Salão de Humor de Piracicaba, no Brasil, uma dimensão de compromisso com a arte e com a democracia, com a pluralidade e diversidade e os transformaram, cada um ao seu estilo em referências necessária em prol das lutas políticas mundiais.

Se as peças expostas pelos salões de Piracicaba e as charges e caricaturas contundentes veiculadas pelo jornal francês Charlie Hebdo ajudaram a construir uma nova consciência no mundo, cabe à história contemporânea e a futura responderem. De qualquer forma, o nosso pequeno Golias, com sua pedra/caneta irreverente, também foi decisivo para recuperar a credibilidade no regime democrático, na valorização das lutas sociais e na necessidade do debate político no Brasil contemporâneo. O Davi/Militar açodado pelas críticas e ironias finas dos nossos interlocutores, foi perdendo a força, desmanchou-se e submeteu-se, finalmente, ao canto da maioria da sociedade em favor da liberdade. O Maomé caricaturado pelos franceses, certamente haverá cumprir igualmente a sua missão contra a intolerância e ser um agente permanente pela paz mundial.

Bibliografia e Webgrafia

CHARLIE HEBDO, edição nº 1178, de 14 de janeiro de 2015.

DOMENACH, Jean Marie. Propaganda política, Editora Difel, São Paulo, 1945, 142 páginas,

PIRACICABA, 30 anos de Humor, Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, 2003, 232 páginas.

QUEIROZ, Adolpho e CIASI, Leticia Hernandez, Balas não matam ideias, Editora Nova RC, Rio Claro, 2013, Centro Nacional de Humor Gráfico e Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba, 134 páginas.

SITES

https://www.google.com.br/search?q=capa+do+charlie+hebdo+de+14+de+janeiro+de+2015&biw=1295&bih=590&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=LY47VbObl4KcNv_PgdAM&ved=0CAcQ_AUoAg#tbm=isch&q=salao+de+humor+de+piracicaba

https://www.google.com.br/search?q=salao+de+humor+de+piracicaba&biw=1295&bih=590&source=Inms&sa=X&ei=B5Q7Vc6gD4KWgwTphYCwAg&ved=0CAUQ_AUoAA&dpr=1

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL ATRAVÉS DO LÚDICO. EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DO DESIGN E DA COMUNICAÇÃO

Maria Cristina Gobbi²
Cassia Leticia Carrara Domiciano³

Resumo: Este artigo explana sobre a experiência de um trabalho conjunto nas áreas de Design e Comunicação. Evidencia o papel do Design na concepção de produtos voltados à formação e treinamento de recursos humanos em ambiente empresarial, bem como dos processos da práxis comunicativa que compõe os diálogos com o público interno das organizações. Estabelece relações interdisciplinares entre o designer, o profissional da comunicação e das relações públicas, corroborando com as tendências atuais da formação de equipes multifacetadas para a solução de problemas projetuais. A experiência no desenvolvimento da pesquisa e do trabalho final oportunizou vivenciar o ensino e a aprendizagem de forma diferenciada, realizando experimentalmente a construção de novos conhecimentos. Muito mais do que uma prática interdisciplinar, as várias etapas desenvolvidas possibilitaram reconhecer na integração dos saberes o estatuto próprio de cada disciplina que delineou e definiu o objeto de estudo. Igualmente fundamental foi o reconhecimento das especificidades das ciências que determinaram as fronteiras das áreas envolvidas no processo.

Palavras-chave: Design de jogos, jogos de tabuleiro, Relações Públicas, Comunicação, Design.

Abstract: This article explains about the experience of working together in the areas of Design and Communication. Highlights the role of design in product design focused on the formation and training of human resources in a business environment, as well as the practice of communicative processes that make up the dialogues with the internal public organizations. Establishing interdisciplinary relationships between the designer, the professional communication and public relations, corroborating with the current trends of the formation of multifaceted teams to solve problems projective. Experi-

¹Pesquisadora. Livre-docente pela Unesp. Pós-Doutora pelo Prolam-USP (Universidade de São Paulo – Brasil), Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Unesp). Vice-coordenadora e Professora do Programa Pós-Graduação Mídia e Tecnologia da Unesp de Bauru. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-Americano do CNPq. Diretora Administrativa da Socom. Sócia da Rede Folkcom. Integrante do GP Mídia, Cultura e Tecnologias. E-mail: mcgobbi@terra.com.br; mcgobbi@faac.unesp.br

²Doutora em Estudos da Criança - Comunicação Visual e Expressão Plástica - pela Universidade do Minho, Portugal. Possui mestrado pelo Projeto Arte e Sociedade, área de Desenho Industrial (1998) e graduação em Desenho Industrial, habilitação em Programação Visual (1993), ambos pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É professora efetiva da UNESP, ministrando aulas para o curso de Design desde 1995. Atualmente integra também o corpo docente do programa de Pós-graduação em Design da UNESP. E-mail: cassiacarrara@gmail.com